

POTENCIAL DO USO MEDICINAL TRADICIONAL DA ANGIKO (*Anadenanthera colubrin*) E DO AROEIRA (*Myracrodruon urundeu*) NO SERTÃO CENTRAL CEARENSE

Sara Letícia Lopes de Souza Brito¹ & Vicente Elicio Porfiro Sales Gonçalves da Silva² & Pollyana Maria Pimentel Monte³ & Lucas da Silva⁴

^{1,2,3}Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE - Campus Quixadá. Bolsista do projeto - PAPER/PROEXT/IFCE. E-mail: saralopesbrito@gmail.com

⁴ Professor Orientador. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE - Campus Quixadá E-mail: lucasilva@ifce.edu.br)

RESUMO

O bioma caatinga apresenta uma grande diversidade de espécies nativas com potencial de uso medicinal, bastante utilizada pela população em geral, mais precisamente pelas comunidades tradicionais do semiárido brasileiro. Essas espécies têm sido objeto de estudo para a área farmacêutica e suas essências são utilizadas em diversos medicamentos e cosméticos industrializados. No entanto diversas populações dão preferências por tratamentos através de espécies nativas na região. O objetivo deste artigo é apresentar considerações sobre o potencial medicinal do uso de duas espécies arbóreas da caatinga (aroeira e angico), através de um levantamento bibliográfico. Através da pesquisa observou-se o Aroeira (*Myracrodruon urundeu*), e a Angico (*Anadenanthera colubrin*) apresentam como suas principais potencialidades seus usos como analgésico e anti-inflamatório, bastante utilizado na região do sertão central do estado do Ceará.

Palavras-chave: Caatinga; Espécies nativas; Semiárido.

INTRODUÇÃO

O Brasil possui uma grande biodiversidade e apresentar uma riqueza de conhecimentos tradicionais acumulados por pessoas locais que têm acesso direto com a natureza e seus produtos é de muita importância o conhecimento relacionado às plantas medicinais, pois é a base da medicina popular no Brasil, que é derivado de uma mistura de culturas indígenas brasileiras e influências europeias e africanas desde o período da colonização. Populações em regiões áridas e semiáridas certamente irá demonstrar diferentes estratégias de uso de seus recursos naturais do que os habitantes das florestas úmidas, especialmente os recursos dependentes da disponibilidade de água (ALBUQUERQUE et al., 2007).

O reconhecimento da sabedoria popular voltada para as plantas medicinais é necessário, tendo em vista que elas servem de subsídio para o conhecimento do potencial da flora dos biomas brasileiros. O saber tradicional das plantas medicinais é importante para que estabeleçam, mecanismos que fomentem a prática da Educação Ambiental em uma região que gradativamente poderá perder sua identidade cultural, com a implementação de atividades outras que pouco a pouco fragmentam e mesmo escondem estes saberes tradicionais, importantes e repletos de simbologia numa realidade que foi construída com base nas manifestações populares, funcionando como uma ferramenta de valorização dos componentes bióticos, abióticos e socioculturais, tanto para as comunidades urbanas como para as rurais (GUARIN NETO, 2006 apud MELO-BATISTA & OLIVEIRA, 2014).

O território da macrorregião do sertão central do Ceará abrange uma área de 29.683,5 Km² e é composto por 24 municípios, estes são: Boa Viagem, Canindé, Caridade, General Sampaio, Ibicuitinga, Itatira, Madalena, Paramoti, Santa Quitéria, Milhã, Banabuiú, Choró, Deputado Irapuã Píndaro, Ibaretama, Mombaça, Pedra Branca, Piquet Carneiro, Quixadá, Quixeramobim, Senador

Pompeu e Solonópole. A população total do território é de 617.540 habitantes, dos quais 273.328 vivem na área rural, o que corresponde a 44,26% do total. Possui a densidade demográfica de 21,45 hab/km² e uma taxa geométrica de crescimento anual da população 1,06% de 2006/2013. O seu PIB per capita em 2011 tem o valor de 5.529 reais. Sendo o setor de serviços com maior porcentagem de 71,56%, a agropecuária com 14,68% e o setor industrial de 13,77% (IPECE, 2013).

O sertão central cearense tem sido um espaço de diversos estudos relacionados a potencialidade para diversos usos das espécies da Caatinga. No entanto, os estudos relacionados ao estudo das propriedades medicinais ainda são poucos expressivos na região. Porém é notório e significativo o uso dessas espécies pelas famílias tradicionais que utilizam com base em conhecimentos repassados de forma cultural de geração passadas, que se perpetua para as atuais e futuras gerações. Há uma grande diversidade e muitas dessas plantas não estão bem catalogadas, porém a *Myracrodruon urundeu* (Aroeira) e o *Anadenanthera colubrin* (Angico) são espécies bastante conhecidas pela população, pois estão relacionadas a problemas estomacais e respiratórios, respectivamente. Utilizou-se pesquisas bibliográficas sobre essas plantas para a comprovação de sua eficácia na vida das famílias do sertão central. O objetivo deste artigo é apresentar considerações sobre o potencial medicinal do uso de duas espécies arbóreas da caatinga (Aroeira e Angico), através de um levantamento bibliográfico.

IMPORTANCIA MEDICINAL TRACIONAL

A cultura é um importante elemento para a construção da identidade social de um povo, mas por existir uma dinâmica, está sempre em mudança. A região do sertão central está em constante crescimento, devido a globalização e a urbanização, assim fazendo com que haja transformações culturais ao longo do tempo e causando uma perda de informação para população da atualidade, que são os conhecimentos tradicionais passados por gerações (MELO-BATISTA & OLIVEIRA, 2014). Várias populações indígenas utilizam as plantas e tudo que a natureza oferece para seus cuidados, essa é uma das grandes importâncias da medicina caseira.

O último século foi marcado por um intenso processo de urbanização, além da expansão da produção industrial e a intensificação de projetos para consumo e geração de energia. Essas transformações estão ocorrendo de forma muito rápida, ou seja, em um curto prazo de tempo, o que acaba causando mudanças e substituições de aprendizagens. As transformações pelas quais passam as sociedades capitalistas, urbanas e rurais, possuem interface com questões ligadas à organização do trabalho, hábitos de consumo, configurações políticas, poderes e práticas institucionais do Estado, que englobam o sistema público de saúde. (HOEFFEL et al, 2011).

Muitas vezes o conhecimento das diversas comunidades da região, é utilizar-se do recurso medicinal tradicional. As culturas tradicionais elaboraram ideias sofisticadas de saúde e bem-estar e para muitas culturas saúde não é a mera ausência de doença. Saúde é um estado de equilíbrio espiritual, de convivência comunitária e ecológica, o que explica provavelmente a inclusão em sistemas de cura tanto de remédios para cura física, quanto para a melhoria e fortalecimento do bem-estar. Além disto, em algumas culturas a escolha por um tratamento é frequentemente explicada por esta complexa compreensão de saúde e das prováveis causas da doença. (HOEFFEL et al, 2011). Assim o uso popular de plantas medicinais é uma alternativa viável que as comunidades têm para o tratamento de doenças. Quase 85% da população do mundo depende de tratamentos médicos baseados em ervas medicinais e 25% da medicina farmacêutica do mundo é derivada de plantas (ALBUQUERQUE & OLIVEIRA, 2007).

O número de estudos de plantas medicinais no semiárido da região do Nordeste do Brasil tem crescido progressivamente, sendo que a maioria destes estudos são descritivos e focam em listar plantas juntamente com as suas indicações terapêuticas, modo de utilização dentre outros aspectos (ALBUQUERQUE & OLIVEIRA, 2007). Há várias razões para acreditar que a restauração com

base em nutrir plantas seria particularmente apropriada e eficaz na caatinga. Em primeiro lugar, a variabilidade espacial e temporal extrema de chuvas e alta temperatura significa que o estresse de água é a variável chave biofísica que determina a sobrevivência das plântulas. Segundo estudos preliminares indicam que as interações facilitadoras podem ser difundidas na caatinga e exercem uma influência importante sobre estrutura da comunidade (MOURA et al. 2012).

Outras espécies de plantas também utilizadas pela medicina popular são: a bananeira, *Musa spp*, utilizada como cicatrizante; o cajueiro, *Anacardium occidentale*, usado para o tratamento de ações antimicrobiana e hipoglicemiante; o eucalipto, *Eucalyptus globulos Labill*, utilizado para bronquite e antitérmico e outro exemplo é o mastruz, *Chenopodium ambrosioides*, usado para afecções pulmonares e das vias aéreas (FRANÇA et al., 2008). As duas escolhidas para o estudo, *Myracrodruon urundeuva* (Aroeira) e o *Anadenanthera colubrina* (Angico), são mais conhecidas na região Nordeste e possuem uso popular para doenças simples e que ocorrem com bastante frequência na localidade do sertão central.

ESPÉCIES IMPORTANTES NA CULTURA MEDICINAL

São plantas conhecidas em toda a região do semiárido, para as comunidades são comuns e fáceis de se encontrar e podem ser vendidas como produtos naturais. *Anadenanthera colubrina* (Angico) e a *Myracrodruon urundeuva* (Aroeira) são exemplos dessas espécies (ALBUQUERQUE et al. 2010). São duas plantas bastante conhecidas no sertão central por suas propriedades medicinais, além disso o Angico possui valor econômico sendo utilizada sua madeira para produção de móveis e objetos.

Tabela 1 - Especificações sobre as espécies Angico e Aroeira.

| Família | Nome científico | Nome Popular | Folhas | Fruto | Ma-deira | Parte para uso medicinal | Uso Popular | Contra indica-ções |
|---------------------------|-------------------------------|--------------|------------------------------------|-------------------|---|--------------------------------|--|---|
| Legumi-nosae-mimosoi-deae | <i>Anadenanthera colubrin</i> | Angico | 30 pares de pinas opostas (4-8 cm) | Até 32cm | Mais de 1 g/cm ³ | Casca, resina, flores e folhas | Doenças respiratórias, diarreia e resfriados. | Pode se tornar tóxico para gestantes e lactantes. |
| Anacardiaceae | <i>Myracrodruon urundeuva</i> | Aroeira | 4-7 pares de folíolos | 3-4mm de diâmetro | 1-1,21 g/cm ³ a 15% de umidade | Casca, folhas e raízes | Febre, úlceras, gastrite, reumatismo e infecções diversas. | Reações alérgicas na pele e mucosas. |

Fonte: Adaptado de Maia, 2012

Apesar de contra indicações, ambas trazem variados tratamentos para problemas comuns do dia-a-dia. Muitos estudos realizados com aroeira trouxe a comprovação da sua eficácia terapêutica, além disso, têm mostrado evidente efeito anti-inflamatório, cicatrizante, anti-ulcera e analgésico (GOES et al., 2005). Já no caso do Angico a sua entrecasca é utilizada na medicina popular brasileira.

Myracrodruon urundeuva, popularmente conhecida como “Aroeira-do-sertão” é da família *Anacardiaceae*, é uma árvore de tronco alto, reto, com larga copa, formada por ramos finos. Possui uma altura entre 5 a 20 metros na Caatinga e também no bioma Cerrado, podendo chegar a atingir 30 metros em uma floresta pluvial. A sua casca é de cor cinza ou castanho-escuro, folhas alternas e compostas, flores pequenas amarelas ou verde-claro e com uma madeira muito pesada e dura (MAIA, 2012). Tradicionalmente utilizada para tratar o sangramento gengival e distúrbios ginecológicos (MACHADO et al., 2012). Aroeira está na lista oficial de espécies ameaçadas a extinção da flora brasileira e podendo passar para uma categoria onde demonstraria um dessa espécie tão útil (MAIA, 2012).

A aroeira é uma árvore de matas secas, do cerrado e da caatinga, muito comum na zona semiárida do Ceará e de outros estados Nordestinos, sendo intensamente procurada como fornecedora de madeira para obras de construção. Ela possui uma amplitude ecológica enorme, ocorrendo tanto em formações abertas e muito secas até em formações muito úmidas e fechadas (floresta pluvial com 2000mm de precipitação anual) e no Pantanal. Não cresce em lugares mal drenados. Está se tornando rara por ter sido muito explorada pela madeira e como forrageira. Como expressa o nome, as araras vivem de preferência nessa árvore. Os principais polinizadores parecem ser as abelhas, principalmente irapuãs. Casca, folhas e raízes são usadas tradicionalmente na medicina caseira, na forma de decocto e infusão em aguardente, como balsâmica e hemostática, contra inflamação de garganta, para curar gastrite, como regulador menstrual, contra doenças das vias respiratórias, do aparelho urinário, nas hemoptises, metrorragias e diarreias e são também muito empregadas no tratamento caseiro das inflamações, e, em banhos, no tratamento de úlceras e feridas (MAIA, 2012).

Anadenanthera colubrina é uma espécie nativa da flora brasileira pertencente à família *Fabaceae* e popularmente conhecido como angico. Seu porte na região da Caatinga tem altura de 3 a 15 metros de altura e com diâmetro de até mais de um metro, possui madeira densa. A casca tem muitas variações, tanto na cor (clara, acinzentada, castanho-avermelhada, escura) como na textura (completamente coberta de acúleos, escura, profundamente gretada, áspera, apresentando arestas salientes). É uma árvore com copa espalhada com galhos arqueados deixando passar bastante luz, ocupando no geral apenas um quarto do total da altura da árvore. (MAIA, 2012). A florada do angico é precoce (aos 3 anos depois de plantada) e atrai abelhas produtoras de mel. A sua madeira é empregada em tabuado, marcenaria, embalagens, construção civil e naval.

Uma das espécies de mais ampla distribuição no espaço das caatingas, mas habita também as florestas decíduas altas, a Mata Atlântica, o Cerrado, o Pantanal Mato-Grossense (nas partes secas calcárias) e campos rupestres ou de altitude. A goma-resina, altamente béquica, é usada como remédio contra tosse, bronquite, afecções do pulmão e das vias respiratórias. A infusão da casca tem propriedades sedativas e é usada contra gonorreia, diarreia e disenterias. E o uso da resina e folhas, na forma de xarope e chá, é considerado depurativo do sangue, recomendado para combate ao reumatismo e à bronquite. As sementes são psicoativas. (MAIA, 2012)

CONCLUSÃO

Pelos dados obtidos com este levantamento bibliográfico percebe-se que as duas espécies, Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*) e a Angico (*Anadenanthera colubrin*), estão presentes na sociedade como plantas medicinais e estão relacionadas a doenças comuns na população do sertão central, possuindo uso para diversos fins. O angico é utilizado para tratamentos respiratórios, o que na região é importante, pois a população vem crescendo assim como o desenvolvimento, gerando a produção excessiva de gases nocivos à saúde, necessitando de remédios para o tratamento. Já a aroeira está relacionada a problemas estomacais, que também dependem da alimentação da população. O uso terapêutico dessas plantas medicinais é diverso nas comunidades, sendo as doenças do siste-

ma respiratório e digestório as que apresentam mais ocorrência. As folhas e a casca das plantas são as partes mais utilizadas para os preparos. Então deve-se observar que ambas estão sendo necessitadas no cotidiano.

O referido trabalho encontra-se em fase inicial, que posteriormente será realizada uma pesquisa direcionada as populações da região semiárido sertão central cearense, que fazem usos das espécies da caatinga com usos medicinais e seus impactos na conservação e preservação do bioma caatinga região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE U. P. et al. **Medicinal plants with bioprospecting potential used in semi-arid northeastern Brazil.** Journal of Ethnopharmacology, v.131, p.326–342, 2010.

ALBUQUERQUE U. P. et al. **Medicinal plants of the caatinga (semi-arid) vegetation of NE Brazil: a quantitative approach.** Journal of Ethnopharmacology, v.114, f. 3, p.325-354, 2007.

ALBUQUERQUE U. P., OLIVEIRA R.F. **Is the use-impact on native caatinga species in Brazil reduced by the high species richness of medicinal plants?.** Journal of Ethnopharmacology, v. 113, p.156–170, 2007.

FRANÇA, Inácia Sátiro Xavier de et al. **Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais.** Rev Bras Enferm, Campina Grande, PB, v. 61, n. 2, p.201-208, ago. 2008.

GUARIM NETO, Germano. **O saber tradicional Pantaneiro: as plantas medicinais e a educação ambiental.** Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental v. 17, p.71-89, 2006.

HOEFFEL, João Luiz de Moraes. GOLÇALVES, Nayra de Moraes. FADINI, Almerinda Antonia Barbosa SEIXAS, Sonia Regina da Cal. **Conhecimento tradicional e uso de plantas medicinais nas APAS'S Cantareira/SP e Fernão Dias/MG.** Revista VITAS - Visões Transdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade. Nº 1, 2011.

IPECE. **Perfil Básico Regional 2013 Macrorregião Sertão Central.**

MOURA F. de B.P., MENDES MALHADO A.C., Ladle R. J002E. **Nursing the caatinga back to health.** Journal of Arid Environments. 2012, 90: 67-68.

GOES AC et al. **Histologic analysis of colonic anastomotic healing, in rats, under the action of 10% Aroeira-do-sertão (Myracrodruon urundeuva fr. all.) enema.** Acta Cirurgica Brasileira. 2005, 20: 144–151.

MACHADO A. C. et al. **Evaluation of tissue reaction to aroeira (Myracrodruon urundeuva) extracts: a histologic and edemogenic study.** J Appl Oral Sci. 2012, 20(4): 414–418.

MAIA, Gerda Nickel. **Caatinga: árvores e arbustos e suas atividades.** Fortaleza: Printcolor Gráfica e Editora, 2012.

MELO-BATISTA, Aline Alves de. OLIVEIRA, Claudio Roberto Meira de. **Plantas utilizadas como medicinais em uma comunidade do semiárido baiano: saberes tradicionais e a conservação ambiental.** Enciclopédia Biosfera, Centro científico conhecer. Goiania. N° 18. 2014, 10: 74-88.

MONTEIRO M.V. et al. **Topical anti-inflammatory, gastroprotective and antioxidant effects of the essential oil of *Lippia sidoides* Cham.** J Ethnopharmacol. 2006, 111: 378–382.